

O CICLO MUNDIAL DE EXPORTAÇÕES DE TURISMO*

Pedro M.D.C.B. Gouveia** | Raúl Filipe C. Guerreiro** | Paulo M.M. Rodrigues***



RESUMO

Tendo como motivação a afirmação do turismo como uma das principais atividades à escala global, o presente estudo analisa e compara os ciclos de desvio em relação à tendência de longo prazo das exportações de turismo de todas as regiões do mundo tendo o ciclo da União Europeia a 27 países como referência. Neste contexto, a abordagem seguida permite analisar e determinar a sincronização entre ciclos das exportações de turismo das diversas regiões de interesse. Paralelamente, são identificados desfasamentos temporais da concordância dos ciclos que podem desempenhar um papel relevante ao nível da previsão, constituindo um importante instrumento de apoio ao processo de tomada de decisão por parte de entidades públicas e privadas pertencentes ou fortemente associadas ao setor do turismo. Em termos metodológicos, o artigo tem por base o trabalho inicialmente desenvolvido na literatura por Gouveia e Rodrigues (2005), o qual aborda o ciclo da procura turística segundo o método proposto para o contexto do estudo do ciclo económico, por Harding e Pagan (2001) e obtém evidência de um elevado grau de sincronização entre o ciclo do turismo e o ciclo económico. Este artigo procura ser inovador na abordagem à relação entre ciclos das exportações de turismo bem como na identificação das componentes tendência e ciclo por via da aplicação de métodos de estados de espaço e do filtro de Kalman (Kalman, 1960, Kalman and Bucy, 1961).

1. Introdução

Uma característica das economias industrializadas consiste na transição entre períodos de expansão e períodos de recessão. A análise e compreensão deste tipo de flutuações têm merecido particular atenção por parte da investigação e literatura económica desde o trabalho pioneiro de Burns e Mitchell (1946). Recentemente tem-se assistido a um interesse crescente pelo estudo das exportações de turismo quer em termos do seu crescimento, quer da sua relação com o ciclo económico.

A dependência económica de alguns países relativamente ao setor do turismo pode ter implicações sobre o comportamento da economia e em particular sobre o seu crescimento e desenvolvimento económico (vide, *inter alia*, Eugenio-Martin, Morales e Scarpa, 2004 e Andraz, Gouveia e Rodrigues, 2009).

De acordo com o *World Travel and Tourism Council* [WTTC] (2013) o contributo direto da rúbrica Viagens e Turismo para o PIB mundial foi, em 2012, de 2.1 triliões de dólares americanos. No entanto, a sua contribuição total, que inclui para além dos efeitos diretos, os efeitos indiretos e induzidos, atingiu 6.6 triliões de dólares americanos, o que corresponde a cerca de 9.3% do PIB mundial. Adicionalmente,

* Os autores agradecem os comentários de João Amador, José António Ferreira Machado, Mário Centeno e Nuno Alves. As opiniões expressas no artigo representam as opiniões dos autores e não coincidem necessariamente com as do Banco de Portugal ou do Eurosistema. Eventuais erros e omissões são da exclusiva responsabilidade dos autores.

** ESGHT, Universidade do Algarve.

*** Banco de Portugal, Departamento de Estudos Económicos.

este contributo pode também ser quantificado em termos do emprego gerado. Com efeito, tendo em conta os efeitos diretos, indiretos e induzidos, este setor está associado a 9.1% do emprego total a nível mundial em 2012 (WTTC, 2013).

Tendo em conta a relevância do turismo enquanto uma das principais atividades económicas e a importância do papel da relação deste setor com um vasto conjunto de outros setores de atividade este artigo analisa e compara os ciclos das exportações de turismo de todas as regiões do mundo. Neste contexto, a abordagem seguida permite analisar e determinar a sincronização entre os ciclos das exportações de turismo das diversas regiões de interesse bem como identificar desfasamentos temporais da concordância dos ciclos. A identificação destas características desempenha um papel relevante ao nível da antecipação/previsão do ciclo das exportações de turismo, constituindo um importante instrumento de apoio ao processo de tomada de decisão por parte de entidades públicas e privadas pertencentes ou com forte ligação ao setor do turismo.

Ao longo das últimas décadas as fases do ciclo económico têm sido tidas em conta de forma implícita em modelos explicativos da procura turística. São de destacar, do conjunto de variáveis explicativas comumente utilizadas, variáveis como o rendimento disponível, o nível dos preços, e as taxas de câmbio e a sua respetiva evolução (vide, *inter alia*, Collins e Tisdell, 2004, Lim and McAleer, 2002, e Andraz, Gouveia e Rodrigues, 2009).

Não obstante a vasta literatura que aborda o tema da procura turística em termos do seu crescimento e das principais variáveis a ter em conta ao nível da modelação e estimação, é possível observar que a literatura associada à procura turística não tem sido profícua em termos de abordagens da decomposição das exportações de turismo em tendência e ciclo bem como no que diz respeito à identificação dos seus pontos de viragem, estudo da sincronização e identificação de eventuais efeitos de desfasamento entre ciclos.

Este tipo de investigação tem tido por base o trabalho inicialmente desenvolvido por Gouveia e Rodrigues (2005), o qual aborda o ciclo da procura turística segundo o método proposto por Harding e Pagan (2001), tendo como abordagem a utilização de índices de concordância e de concordância recursiva. Com esta metodologia, Gouveia e Rodrigues (2005) estabelecem um forte grau de sincronização entre o ciclo do turismo e o ciclo económico e identificam efeitos de atraso entre os dois. Um estudo recente de Guizzardi e Mazzocchi (2010), que utiliza modelos de componentes não observadas, também conclui que a procura turística é influenciada, com desfasamento temporal, pelo ciclo económico global.

A metodologia utilizada neste artigo segue a abordagem de Gouveia e Rodrigues (2005) e baseia-se na decomposição das séries temporais das exportações turísticas nas componentes de tendência e ciclo. No entanto, em contraponto com a abordagem seguida por Gouveia e Rodrigues (2005), a tendência e o ciclo são identificados mediante a aplicação de métodos de estados de espaço e aplicação do filtro de Kalman (Kalman, 1960, Kalman and Bucy, 1961).

O principal objetivo deste estudo consiste em compreender e analisar a sincronização dos ciclos das exportações de turismo das várias regiões (e países) do Mundo com o ciclo das exportações de turismo da União Europeia a 27 países (doravante designada por UE27). É interessante observar que a metodologia seguida neste artigo permite caracterizar os vários ciclos das exportações de turismo não apenas em termos da sincronização como também identificar os efeitos de desfasamento entre ciclos, e o estudo da correlação entre as componentes cíclicas de vários pares de regiões e/ou países. Neste sentido, foram considerados os 5 países mais relevantes em termos de exportações turísticas em cada região do mundo¹ (estes países e respetivos pesos encontram-se identificados na secção 3).

¹ Note-se que no caso da UE27 considerámos, para além dos 5 países com maior peso em termos turísticos, também Portugal.

Os dados analisados dizem respeito a séries de exportações turísticas com frequência anual, expressas em bilhões de dólares americanos a preços constantes de 2011. As regiões consideradas são as Caraíbas, a União Europeia, a América Latina, o Médio Oriente, o Norte de África, a América do Norte, o Nordeste Asiático, a Oceânia, o Sul Asiático, o Sudoeste Asiático e a África Subsariana.

Na análise empírica da sincronização entre as componentes cíclicas das exportações turísticas foi escolhida como variável de referência a série temporal das exportações turísticas da UE27. Esta escolha decorre do facto de a UE27 constituir a principal região em termos de exportações turísticas a nível mundial (WTTC, 2013).

Embora tradicionalmente a análise do ciclo económico seja desenvolvida com base em dados de frequência trimestral (ou mensal), neste artigo são usados dados anuais. Esta opção encontra os seus fundamentos na abordagem seguida por Giannone, Lenza e Reichlin (2008). O padrão recorrente de altos e baixos em dados anuais é menos intenso do que o observado em dados trimestrais (ou mensais). No entanto, a utilização de dados anuais apresenta a vantagem de permitir observar o ciclo numa perspectiva histórica. Com efeito, o recurso a dados anuais permite evitar erros de medição e, não obstante a perda de informação relativa à dinâmica de curto prazo, os dados de frequência anual revelam-se mais confiáveis quando o propósito é o de estabelecer fatos robustos sobre a atividade económica real.

As restantes secções do artigo apresentam a seguinte estrutura. Na secção 2 é apresentada a metodologia utilizada na análise dos dados, na secção 3 procede-se a uma descrição breve dos eventos que afetaram as exportações turísticas no período em análise assim como uma discussão da sincronização, das correlações e dos efeitos de desfasamento entre os ciclos. Finalmente, a secção 4 apresenta as principais conclusões do artigo.

2. Sincronização dos Ciclos

2.1 O Índice de Concordância e o Coeficiente de Correlação

A metodologia proposta por Harding e Pagan (2001) permite medir o grau de sincronização entre dois ciclos² com base no índice de concordância. Este índice permite medir a percentagem de tempo em que dois ciclos se encontram na mesma fase. O índice de concordância entre duas regiões x e y ($IC_{x,y}$) é dado pela seguinte expressão:

$$IC_{x,y} = \frac{1}{T} \left\{ \sum_{t=1}^T I_{x,t} I_{y,t} + \sum_{t=1}^T (1 - I_{x,t}) (1 - I_{y,t}) \right\} \quad (1)$$

onde a função indicadora do ciclo da procura turística de uma determinada região ou país é definida a partir dos pontos de viragem do ciclo, isto é,

$$I_{j,t} = \begin{cases} 1 & \text{se recessão} \\ 0 & \text{se expansão} \end{cases} \quad (2)$$

com j = região x ou região y .

O método proposto por Harding e Pagan (2001) assegura fases dos ciclos com uma duração mínima de τ períodos, permitindo tomar em consideração a propriedade de persistência do ciclo económico. A ordem máxima de atraso pode ser vista como uma regra de censura para garantir a duração e amplitude das fases dos ciclos. Harding e Pagan (2001) utilizam este algoritmo para datar o ciclo económico dos EUA usando os dados do PIB e os resultados que obtêm são semelhantes aos obtidos pelo NBER e por Hamilton (1989). Este método não paramétrico representa assim um procedimento simples, com a vantagem de ser transparente e replicável, tratando-se portanto de um método útil para a obtenção de informação sobre ciclos.

² No anexo I descreve-se a metodologia utilizada para decompor as séries temporais.

Com a finalidade de obter informação adicional sobre a relação contemporânea entre os componentes cíclicos das exportações de turismo, também se utiliza o coeficiente de correlação de Pearson,

$$\rho_{x,y} = \frac{\sum_{t=1}^T (C_{x,t} - \bar{C}_x)(C_{y,t} - \bar{C}_y)}{\sqrt{\sum_{t=1}^T (C_{x,t} - \bar{C}_x)^2 \sum_{t=1}^T (C_{y,t} - \bar{C}_y)^2}}.$$

Neste caso, valores deste coeficiente próximos de 1 indicam uma convergência cíclica perfeita, enquanto valores próximos de -1 sugerem a divergência dos ciclos.

2.2 Índice de concordância recursivo

O $IC_{x,y}$ introduzido na secção 2.1 permite analisar a sincronização dos ciclos das exportações turísticas entre regiões e países. No entanto, não permite uma análise da evolução da sincronização ao longo do tempo. Esta limitação conduziu ao desenvolvimento de um indicador complementar, o qual foi designado por Gouveia e Rodrigues (2005) por índice de concordância recursivo. Este índice permite obter a percentagem de tempo em que um par de ciclos coexiste na mesma fase até ao momento do tempo t ($t=1, \dots, T$) e é dado pela seguinte expressão:

$$R_{IC_{x,y,t}} = \frac{1}{t} \left\{ \sum_{i=1}^t I_{x,i} I_{y,i} + \sum_{i=1}^t (1 - I_{x,i})(1 - I_{y,i}) \right\} \quad (3)$$

onde $I_{j,t}$, com j = região x ou região y , foi previamente definido em (4).

2.3 Índice de concordância desfasado

No sentido de complementar o $IC_{x,y,t}$ e num contexto de possível existência de relações não contemporâneas entre ciclos, é também sugerida a utilização do índice de concordância desfasado. Este índice é dado pela expressão,

$$L_{IC_{x,y,d}} = \frac{1}{T} \left\{ \sum_{t=1}^T I_{x,t} (I_{y,t-d}) + \sum_{t=1}^T (1 - I_{x,t})(1 - I_{y,t-d}) \right\} \quad (4)$$

onde d representa o parâmetro de desfasamento de $\{C_j\}$ (variável representativa do ciclo). A importância deste índice reside no facto deste permitir quantificar a percentagem de tempo em que dois ciclos se encontram na mesma fase, sendo que um deles se encontra desfasado no tempo d períodos. Esta versão do índice de concordância permite identificar o ciclo da procura turística avançado por comparação com os ciclos de outras regiões ou países.

3. Estudo Empírico

3.1 Ciclo Mundial do Turismo e suas crises

A indústria do turismo é muitas vezes descrita como sendo uma indústria “frágil”, e suscetível a vários tipos de perturbações (choques), tais como guerras, surtos de doenças, ataques terroristas, flutuações económicas, instabilidade da moeda e preços da energia, que infelizmente vão surgindo com alguma frequência um pouco por todo o mundo (Neumayer, 2004).

Durante o período em análise neste texto (1985 - 2011) vários desses eventos negativos ocorreram, alguns deles centraram-se numa região, outros em várias regiões e outros ainda tiveram um impacto mais global, resultando, conseqüentemente, em diferentes influências sobre a evolução do ciclo mundial de exportações do turismo.

O gráfico 1 apresenta a evolução do ciclo mundial do turismo entre 1985 e 2011.

Neste gráfico podemos identificar três grandes períodos de crises: 1) entre 1990 e 1995; 2) entre 2000 e 2005 (com raízes na segunda metade da década de 90) e, 3) de 2007 até à atualidade. Neste estudo descreveremos brevemente os principais acontecimentos de cada um destes subperíodos.

É importante notar que o impacto destas crises foi heterogéneo entre regiões e países. Este facto poderá ser analisado no gráfico 2, onde se pode observar as evoluções cíclicas regionais das exportações turísticas, e em Apêndice no gráfico A.1 as evoluções cíclicas das exportações turísticas nos países de referência da UE27³.

Como complemento às evoluções cíclicas regionais das exportações turísticas apresentadas no gráfico 2, podemos analisar ainda no quadro 1 as taxas de crescimento das exportações anuais do turismo para os três períodos mencionados anteriormente (1990-1995, 2000-2005 e 2007 - 2011).

3.1.1 1990 – 1995

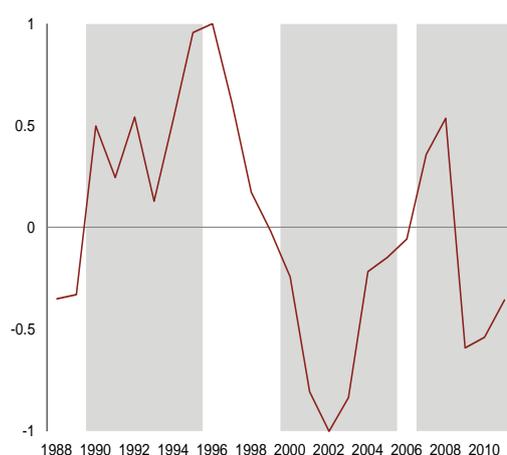
O período entre 1985 e 1989 foi um período de expansão, em parte devido a um choque positivo de oferta ocorrido em 1985, resultante do declínio dos preços do petróleo. No entanto, como pode ser observado a partir do gráfico 1, no início dos anos 90 assistiu-se a um declínio do ciclo mundial de exportações de turismo, que sofreu duas recessões entre 1990 e 1995.

Este período coincide com a primeira Guerra do Golfo (agosto de 1990 - fevereiro de 1991), que desempenhou um papel importante no declínio da procura turística, especialmente no Médio Oriente e no Norte da África (Neumayer, 2004). A partir do quadro 1 observa-se que essas duas regiões registraram taxas de crescimento negativas em 1991, e que de um modo geral (com a exceção do Nordeste Asiático) todas as outras regiões registaram um significativo abrandamento.

No entanto, a Europa estava nesta altura também a entrar num período conturbado. Em 1992 deu-se uma das piores crises do Sistema Monetário Europeu. Desta crise resultou a expulsão da libra e da lira do Mecanismo de Taxas de Câmbio (MTC), a desvalorização da peseta e outras moedas.

Gráfico 1

CICLO MUNDIAL DE EXPORTAÇÃO DE TURISMO



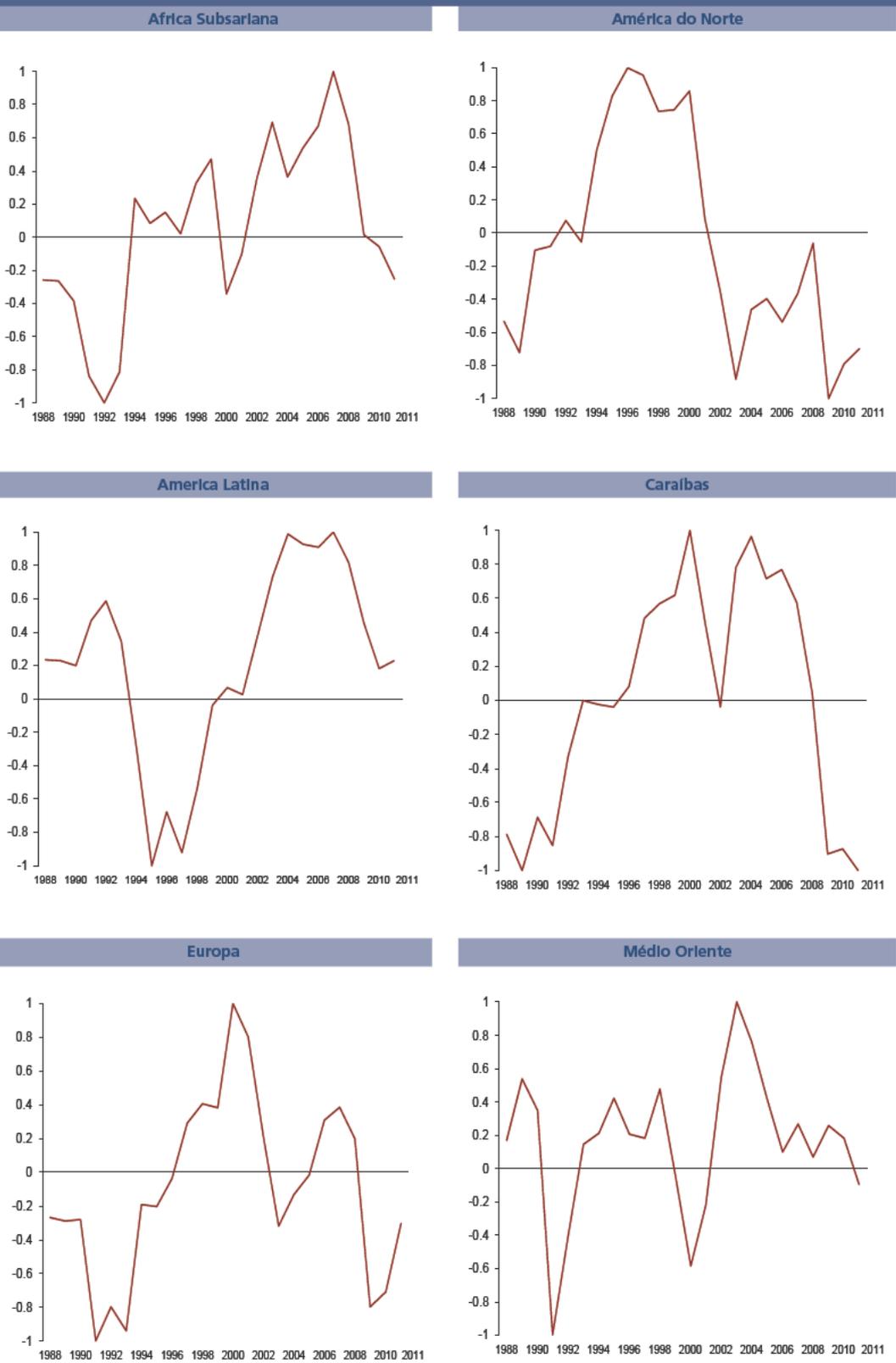
Fonte: Cálculos dos autores.

Nota: Para a comparação gráfica da evolução cíclica optou-se pela normalização dos valores das series. No presente estudo, os valores normalizados, x_t^* , são definidos dentro do intervalo fechado de -1 a 1, i.e., $x_t^* = \frac{2(x_t - x_{\text{mínimo}})}{x_{\text{máximo}} - x_{\text{mínimo}}} - 1$, $t = 1, \dots, n$.

³ Relativamente aos outros países considerados, as respetivas evoluções cíclicas podem ser obtidas dos autores.

Gráfico 2 (continua)

CICLOS DE EXPORTAÇÃO DE TURISMO POR REGIÃO

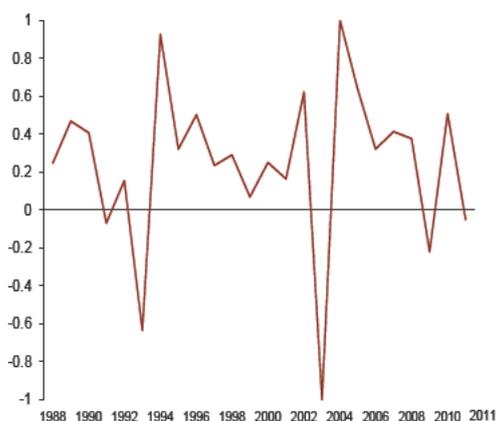


Fontes: World Travel and Tourism Council e cálculo dos autores.

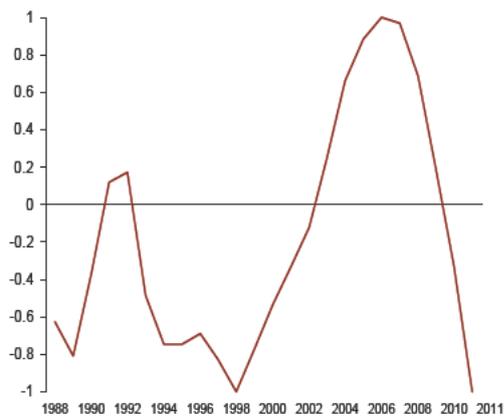
Gráfico 2 (continuação)

CICLOS DE EXPORTAÇÃO DE TURISMO POR REGIÃO

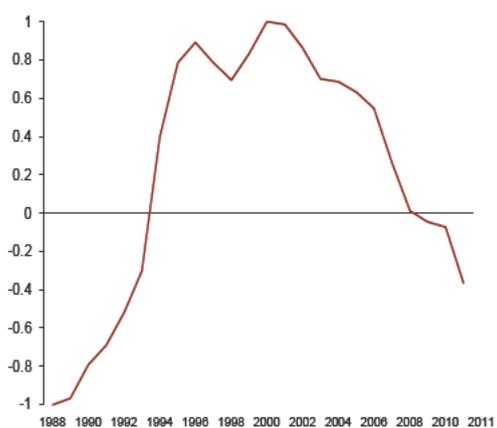
Nordeste Asiático



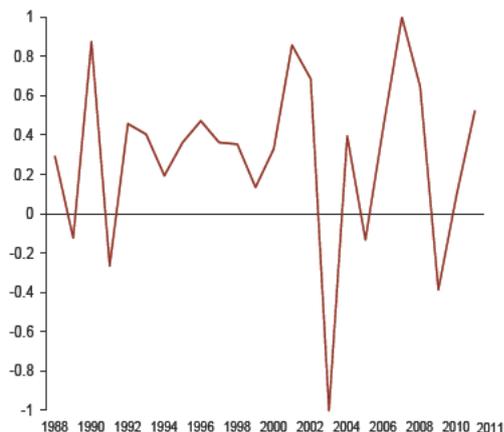
Norte de África



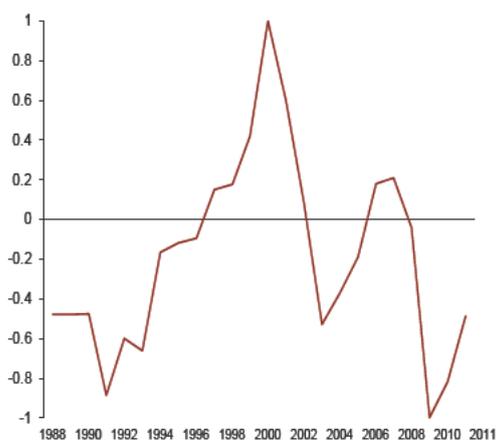
Oceania



Sudeste Asiático



UE27



Fontes: World Travel and Tourism Council e cálculo dos autores.



Quadro 1

TAXAS DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES DE TURISMO POR REGIÕES DO MUNDO

Regiões	1990	1991	1992	1993	1994	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2007	2008	2009	2010	2011
Caríbas	11.00%	2.70%	8.90%	10.80%	6.10%	7.00%	7.70%	-1.10%	-1.60%	7.90%	8.00%	8.50%	4.50%	1.40%	-7.70%	6.30%	5.20%
Europa	29.20%	0.90%	12.10%	-5.00%	13.60%	17.30%	-1.10%	-0.70%	5.60%	17.60%	16.90%	6.60%	14.80%	9.60%	-13.60%	0.80%	12.30%
UE27	31.40%	1.70%	13.70%	-5.60%	12.90%	17.30%	-2.30%	-2.20%	5.40%	15.90%	16.40%	5.80%	13.90%	7.50%	-13.90%	0.00%	11.80%
América Latina	18.30%	9.90%	11.30%	5.40%	-3.90%	6.70%	5.30%	-3.10%	-8.70%	14.40%	18.70%	17.10%	17.90%	12.40%	-5.60%	11.10%	13.50%
Médio Oriente	8.40%	-12.20%	24.30%	18.00%	12.70%	19.10%	7.70%	7.80%	22.40%	22.10%	9.70%	12.00%	19.30%	20.30%	-1.30%	12.90%	11.60%
Norte de África	2.70%	-10.40%	35.60%	-24.60%	17.90%	18.00%	4.80%	2.60%	1.60%	13.90%	29.00%	15.50%	20.60%	14.30%	-7.50%	8.30%	-14.20%
América do Norte	23.00%	9.00%	9.50%	3.60%	16.40%	8.60%	8.80%	-10.20%	-4.70%	-3.50%	16.40%	9.70%	10.80%	12.60%	-15.30%	10.80%	8.10%
Nordeste Asiático	2.20%	5.80%	14.50%	12.20%	17.90%	17.00%	10.40%	3.70%	11.60%	-0.50%	35.20%	11.50%	14.20%	14.80%	-0.20%	18.30%	8.70%
Oceania	11.80%	6.50%	5.90%	4.50%	42.20%	21.50%	1.80%	-3.10%	6.70%	16.70%	17.30%	7.70%	6.20%	-1.80%	-5.60%	20.50%	4.40%
Sudeste Asiático	29.40%	0.10%	26.60%	12.40%	12.40%	19.60%	9.10%	3.00%	5.50%	-10.40%	28.60%	4.80%	28.40%	7.00%	-12.60%	22.50%	19.90%
África Subsaariana	15.20%	2.20%	9.90%	2.00%	28.10%	16.40%	-10.50%	4.10%	10.50%	41.60%	17.00%	14.10%	17.80%	3.50%	-8.20%	14.00%	8.10%

Fontes: *World Travel and Tourism Council* e cálculo dos autores.

Em 1993, pode observar-se um crescimento negativo das exportações de turismo na UE27 e na Europa (Quadro 1). Este crescimento negativo é particularmente relevante em Portugal em 1994 (-8,8%) e em Espanha em 1993 (-5,1%).

Embora tenhamos apenas focado a primeira metade da década de 1990, esta década, vai ser lembrada também pela gravidade das crises que abalaram o México em 1994, a Ásia Oriental em 1997, e o Brasil e a Federação Russa em 1999. Em particular, a segunda metade da década de 1990 marcou o início de um longo declínio do ciclo mundial de exportações de turismo (Gráfico 1).

A crise financeira da Ásia, que aparentava ser uma crise regional, com o tempo revelou-se a “primeira grande crise dos mercados globalizados”. Toda a Ásia foi afetada com a perda de procura e confiança em toda a região. Em 1997 e 1998, o Nordeste Asiático, Oceânia e o Sudeste Asiático exibiram taxas negativas de crescimento anual das exportações de turismo.

Em agosto de 1998, a Rússia substituiu a Ásia no centro dos mercados em dificuldades. A economia russa ficou sujeita a maiores pressões desde a intensificação da crise asiática em outubro de 1997. Essas pressões refletiram, entre outros fatores, o contágio financeiro da Ásia e as implicações adversas da queda dos preços do petróleo sobre o equilíbrio externo da Rússia.

Em 1999, também a Argentina começou num declínio económico, devido à combinação de vários fatores: a) internos - elevado desemprego e desequilíbrio fiscal, e b) externos - a crise da Rússia em 1998, o impacto da desvalorização da moeda Brasileira em 1999, e a enorme aversão ao risco nos mercados financeiros internacionais.

Os efeitos de contração das exportações de turismo resultantes dessas crises são observáveis no início do século XXI nos países latino-americanos (Quadro 1).

3.1.2 2000 – 2005

Este período é marcado por uma série de grandes eventos que tiveram impactos negativos significativos sobre a atividade turística internacional.

Entre estes, importa destacar os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA. Os valores negativos das taxas de crescimento das exportações turísticas observados no quadro 1, sobretudo em 2001 e 2002, podem constituir o reflexo sobre os fluxos turísticos dos receios associados ao terrorismo. Estes receios revelam-se particularmente intensos nos países da América do Norte, Caraíbas e UE27.

A contribuição da rubrica Viagens e Turismo para os países industrializados e em desenvolvimento é atualmente tão grande que qualquer desaceleração no nível de atividade constitui um motivo de preocupação. As repercussões estendem-se para além das atividades diretamente relacionadas com o turismo, nomeadamente companhias aéreas, hotéis e restauração, para os setores que fornecem bens intermediários ou finais. Significa isto que todos os setores da economia são afetados em maior ou menor grau (vide, entre outros, Araña e León, 2008).

Adicionalmente, outros eventos tiveram diferentes impactos sobre várias regiões e países do mundo e prejudicaram o crescimento dos fluxos turísticos nos países diretamente afetados, bem como os países e regiões vizinhas (Edmonds e Mak, 2005). Entre estes acontecimentos importa destacar pela sua relevância a invasão do Afeganistão (outubro de 2001), os atentados de Bali (outubro de 2002), a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) (novembro de 2002), a guerra no Iraque (primavera de 2003), os atentados de Madrid (março de 2004), o tsunami no Oceano Índico (dezembro de 2004) e os atentados de Londres (julho de 2005). As consequências destes eventos apresentaram diferentes magnitudes e ocorreram em várias regiões e países. Estes resultados encontram-se documentados no gráfico 1. Um resultado interessante que pode ser observado do gráfico 1 é que o impacto conjunto destes eventos sobre o ciclo da procura turística à escala mundial, parece ter sido mais grave do que a atual crise financeira.

Durante este período, o setor dos transportes aéreos foi severamente afetado pelo terrorismo internacional. A crise económica mundial e o aumento dos preços do petróleo levaram grandes companhias aéreas à falência, com conseqüente impacto noutras empresas de turismo. O terrorismo, foi entendido como uma guerra psicológica, e conseqüentemente foi gerada uma tendência que privilegiou os fluxos turísticos de curtas distâncias. A segunda guerra do Golfo constituiu um agravamento desta situação e conduziu a uma racionalização drástica da indústria do turismo. Neste contexto, observou-se uma mudança de comportamento dos turistas ocidentais que apresentam neste período uma menor propensão para viagens de longa distância com o receio das conseqüências da guerra do Iraque, e dos meses de agitação e repetidos ataques terroristas contra turistas (por exemplo, no Bali, Quênia e Tunísia). Paralelamente ocorreu um efeito de sentido oposto em países como a Suíça, o Vietname e a Nova Zelândia, que foram considerados seguros e que beneficiaram dos efeitos de substituição das regiões afetadas.

Além da guerra do Golfo e dos ataques do terrorismo, o surto de SARS, que teve início na China em novembro de 2002, e que se propagou rapidamente pelo mundo inteiro (em agosto de 2003 atingiu 29 países e três regiões) agravaram a situação. As áreas mais afetadas foram a China, Hong Kong, Taiwan e Singapura, países com um peso significativo na região em termos de exportações de turismo (Quadro 2). O impacto foi tão forte que o Banco Mundial previu que o crescimento da produção na Ásia Oriental iria cair quase 1 ponto percentual em 2003.

3.1.3 2007 – 2011

Por todo o mundo as economias dos países têm sido severamente atingidas pela crise económica e financeira que teve origem no verão de 2007. Esta crise tem prejudicado a indústria do turismo (Smeral, 2009, 2010, Barda e Sardanou, 2010), podendo-se observar que muitos destinos turísticos têm apresentado crescimento negativo e que globalmente o turismo mundial foi seriamente afetado (Gráfico 1), obrigando países e regiões a efetuar transformações neste setor (Hall, 2010, Pizan, 2009, 2010, Papatheodorou, Rosselló, e Xiao, 2010 e Song e Lin, 2010, 2011).

Durante o ano de 2008 a economia mundial deparou-se com uma situação bastante volátil e instável. O setor do turismo que parecia resistir, aos cenários de quebra existentes noutros setores, como seja, a construção, o setor imobiliário ou a indústria automóvel, registou globalmente uma redução no ritmo de crescimento. O seu desempenho foi, segundo INE (2008), também condicionado por outros fatores, tais como:

- os conflitos militares no Iraque, Afeganistão, Paquistão, Palestina, Sri Lanka e Índia, salientando-se os ataques terroristas de Mumbai em novembro de 2008;
- os problemas climáticos, como sejam, as inundações na China, em Myanmar, no Brasil, no México e no Reino Unido; as ondas de calor e incêndios na Grécia e Itália; os ciclones e tornados, sobretudo nas Caraíbas e países circundantes; os tremores de terra na China, ou as erupções vulcânicas no Chile;
- os elevados preços internacionais do barril de petróleo durante mais de seis meses do ano e as conseqüentes dificuldades sentidas pelas companhias aéreas.

Por outro lado, e principalmente a partir do segundo semestre de 2008, o cenário de crescimento do desemprego, com reflexos diretos na confiança dos consumidores e das empresas, assim como na procura interna, iniciou um ciclo descendente na Europa, EUA e Japão, refletindo-se numa contração da atividade turística global e levando, sobretudo os Europeus, a privilegiar destinos menos distantes.

O ano de 2008 foi igualmente caracterizado por uma intensa volatilidade ao nível das taxas de câmbio das principais divisas mundiais. Segundo dados do *Eurostat* e do FMI, o dólar e o euro registaram valorizações significativas perante as divisas de vários mercados emergentes. Se por um lado, estas valorizações tornaram estes mercados mais atrativos em termos de destinos turísticos, por outro, a Europa e os EUA perderam competitividade enquanto destinos. As valorizações significativas do dólar e do euro

acabaram também por reduzir a propensão dos britânicos, um dos principais mercados emissores, para viajar, sobretudo para a Europa.

O agravamento da crise económica e financeira em 2009 motivou uma abrangente intervenção pública nas economias, tentando atenuar a quebra na procura, o risco e a incerteza junto dos mercados financeiros. O setor do turismo registou em 2009 uma contração na atividade, que segundo a OMT, provocou quebras generalizadas nas receitas turísticas. Esta situação está clara no quadro 1, onde se observa que em 2009 todas as regiões analisadas registaram taxas anuais homólogas negativas.

A crescer a esta situação, o aumento continuado do desemprego, condicionado pelo sucesso das ajudas estatais, a limitação do acesso ao crédito e o congelamento de salários, determinaram uma redução na propensão para viajar dos turistas dos principais mercados emissores, nomeadamente os europeus. A retoma económica dos principais mercados emissores, assim como a redução dos elevados níveis de desemprego são tidos, desde essa data, como os principais condicionalismos da recuperação do setor.

Durante o ano de 2009 continuaram a registar-se flutuações cambiais consideráveis (INE, 2009). Muitas das divisas de países emergentes em termos de turismo, que haviam depreciado em 2008 face ao dólar e ao euro, recuperaram parte da valorização das suas divisas, ainda que sem atingir níveis anteriores (FMI, 2010), mas permitindo, desta forma, que a Europa e os EUA recuperassem competitividade como destinos turísticos.

Em 2010 assistiu-se a uma inversão da trajetória descendente da economia mundial que se verificava desde 2008 (INE, 2010). Todas as principais potências económicas registaram um crescimento real do PIB, quando no ano anterior só no conjunto das economias emergentes e em desenvolvimento tal se tinha verificado (FMI, 2011).

Segundo a OMT o setor do turismo registou em 2010 uma recuperação significativa da quebra registada em 2009. Mesmo assim, os efeitos da crise económica mundial ainda eram visíveis nesta atividade, na medida em que a recuperação das receitas turísticas foi mais modesta do que aquela que se observou no número de turistas.

A amplitude das variações, na recuperação das receitas turísticas no ano de 2010, difere consoante se analisa as várias economias. Muito significativo, neste ano de 2010, foi o crescimento verificado neste setor na China, país que subiu a sua posição em todos os *rankings* dos principais indicadores do setor, assumindo uma posição relevante em termos da atividade turística, quer como recetor, quer como emissor (Li & Blake, 2010).

Segundo o WTTC o ano de 2011 foi marcado por um impasse na economia global que cresceu menos em 2011 do que em 2010, verificando-se um abrandamento da taxa de crescimento real do PIB em todas as principais potências económicas, com destaque para o Japão, cuja economia se ressentiu fortemente dos efeitos do terramoto de março de 2011. Entre as várias zonas do globo, foi a UE27 que registou o menor abrandamento entre 2010 e 2011. Nas economias emergentes e em desenvolvimento, embora a riqueza tenha crescido menos do que no ano anterior, progrediu-se a um ritmo que foi mais do triplo do verificado na UE e nos EUA (INE, 2011).

Ainda que a retoma económica seja heterogénea um pouco por todo o globo, em 2011 as receitas do turismo mantiveram um desempenho favorável e, à exceção do Norte de África e Médio Oriente, continuaram a recuperar das quebras ocorridas em 2009, onde a Europa se destaca como sendo a região do globo que concentrou a maior percentagem das receitas turísticas mundiais.

Com a recessão económica muitos desafios surgiram para os destinos e empresas turísticas depois da contração significativa em 2009, o setor do turismo recuperou em 2010, e em 2011 as exportações de turistas internacionais aumentaram (Quadros 1 e 2). A crise teve um impacto particularmente forte e consequências negativas em termos de emprego e PIB em vários países. Apesar da recuperação recente, a incerteza sobre a duração, profundidade e implicações da crise económica global persiste e esta é transmitida à indústria do turismo.

Quadro 2

PESO DAS EXPORTAÇÕES DE TURISMO DO PAÍS NA REGIÃO A QUE PERTENCE

Africa Subsariana	1990-1995	2000-2005	2007-2011	America do Norte (e Centro)	1990-1995	2000-2005	2007-2011	Médio Oriente	1990-1995	2000-2005	2007-2011
África do Sul	35.60%	47.80%	42.60%	Estados Unidos	80.00%	77.00%	82.60%	Emiratos A.U.	31.80%	38.40%	42.20%
Maurícias	8.30%	7.10%	6.90%	Canadá	10.10%	14.30%	9.50%	Arábia Saudita	15.20%	16.10%	13.40%
Quênia	16.00%	4.90%	5.50%	México	9.90%	8.70%	7.90%	Libano	7.60%	11.20%	12.10%
Etiópia	1.80%	2.70%	4.60%					Israel	19.20%	10.30%	8.20%
Tanzânia	3.20%	3.90%	4.80%					Síria	6.50%	5.10%	5.80%
UEZ7				Nordeste Asiático				Norte de África			
Espanha	15.40%	16.50%	15.40%	China	30.50%	47.70%	39.10%	Egipto	35.60%	47.80%	42.60%
França	12.70%	15.30%	13.70%	Macau	11.10%	9.40%	16.40%	Marrocos	8.30%	7.10%	6.90%
Alemanha	7.80%	9.70%	11.20%	Hong Kong	20.10%	11.60%	16.50%	Tunísia	16.00%	4.90%	5.50%
Itália	14.40%	11.90%	10.50%	Japão	15.60%	13.00%	10.60%	Algéria	1.80%	2.70%	4.60%
RU	11.10%	8.60%	8.90%	Coreia do Sul	16.00%	12.30%	10.50%	Libia	3.20%	3.90%	4.80%
Portugal	2.80%	2.50%	3.00%								
Europa				Oceânia				Sudeste Asiático			
Turquia	2.10%	4.50%	4.80%	Austrália	63.50%	68.10%	61.40%	Taiilândia	25.70%	31.90%	32.40%
Suíça	5.20%	3.70%	4.10%	Nova Zelândia	23.50%	19.80%	20.40%	Malásia	13.60%	21.30%	25.90%
Rússia	1.80%	3.30%	3.10%	Outros Oceânia	10.10%	9.80%	15.00%	Singapura	25.30%	12.70%	17.00%
Cróacia	1.40%	1.90%	2.10%	Fiji	2.30%	1.70%	2.30%	Indonésia	24.20%	21.10%	11.30%
Noruega	1.80%	1.20%	1.10%	Vanuatu	0.50%	0.40%	0.70%	Vietname	1.80%	3.90%	5.10%
América Latina				Caralbas				Sul Asiático			
Brasil	21.60%	26.50%	21.70%	República Dom.	10.50%	17.10%	18.60%	Índia	61.20%	69.60%	78.90%
Argentina	14.20%	13.60%	17.20%	Porto Rico	18.90%	16.70%	16.00%	Paquistão	16.80%	10.40%	6.50%
Colômbia	10.80%	10.10%	8.90%	Cuba	6.70%	9.30%	9.40%	Sri Lanka	11.10%	10.50%	5.50%
Peru	3.50%	5.90%	8.20%	Jamaica	13.40%	9.40%	9.60%	Maldivas	4.00%	4.60%	3.50%
Panamá	2.30%	3.60%	7.10%	Bahamas	9.90%	8.50%	8.70%	Nepal	6.60%	4.20%	2.40%

Fontes: World Travel and Tourism Council e cálculo dos autores.

Após o grave declínio do PIB real em 2008, as estimativas para 2009 apontaram para uma estabilização da produção mundial num nível inferior, no entanto o desemprego continuou a aumentar nos principais mercados emissores de turismo; taxas de câmbio e preços de petróleo continuaram a flutuar, e as restrições das linhas de crédito bancárias permaneceram. Da análise do crescimento médio das exportações de turismo dos cinco países mais representativos em cada região do mundo, verifica-se que dos 59 países analisados neste trabalho, em 20 (33,9%) identifica-se um crescimento médio negativo para o período 2007-2011. Segundo anúncio recente da OMT o turismo internacional aumentou cerca de 4%, em 2012, face a 2011. Em 2012, pela primeira vez, mil milhões de viajantes cruzaram as fronteiras, sendo que para 2013 esta organização prevê um crescimento entre os 3% e os 4% no turismo internacional (UNWTO, 2013).

3.2 Sincronização do Ciclo

Na análise da sincronização do ciclo das exportações de turismo escolheu-se a UE27 como região de referência, dado que esta corresponde à principal região do mundo em termos de exportações. As exportações de turismo da UE27 geraram em 2012, 412.0 biliões de dólares (cerca de 5,6% do total das exportações); ver WTTC (2012). A contribuição direta da rubrica Viagens e Turismo correspondeu a 3,0% do PIB total e a sua contribuição total representou cerca de 8,4% do PIB. Além disso, Viagens e Turismo gerou diretamente 3,6% do emprego total, e a sua contribuição total para o emprego, incluindo empregos indiretamente suportados pela indústria, correspondeu a 9,1% do emprego total.

O quadro 3 apresenta as estatísticas dos ciclos de diferentes regiões do mundo e compara-os com o ciclo da UE27. Observamos que em termos do IC, a concordância mais forte da UE27 é com a Europa (91,30%), seguida da América do Norte (78,26%) e do Sudeste Asiático (73,91%), o menor IC é observado para o Médio Oriente (30,43 %).

No que respeita à correlação de Pearson, observamos que a correlação mais forte é com a Europa (0,96), seguida da Oceânia (0,69), América do Norte (0,59) e Sudeste Asiático (0,45). A menor é observada para o Norte de África (-0,08), seguida pelo Médio Oriente (-0,12), a América Latina (-0,23) e o Nordeste Asiático (0,26).

Podemos ainda observar que as regiões com maior correlação com a UE27 (Europa, Oceânia e América do Norte) têm também ciclos de exportação de turismo com fortes índices coincidentes com esta região, com a exceção do Sudeste Asiático, cujo ciclo apresenta um atraso de 3 anos. O Nordeste Asiático, o Médio Oriente e a África Subsariana têm ciclos avançados quando comparados com a UE27, de 3, 3 e 1 ano, respetivamente. Em relação ao índice de concordância (IC) entre a UE27 e os países considerados nesta análise, assim como a evolução dos outros índices, observa-se a partir do quadro A.1 do Anexo II, que o IC mais forte é encontrado entre os ciclos da UE27 e Espanha (82,61%), que é seguido de perto pela Alemanha, o Reino Unido, os EUA, Singapura e as Maurícias, todos apresentando um IC superior a 70% com o ciclo da UE27. O país que apresenta o menor IC com a UE27 é o Líbano (26,09%).

A partir da evolução da sincronização anual observa-se um fenómeno interessante, ou seja, 24 dos 59 países considerados apresentam um crescimento positivo e 35 dos 59 países um crescimento negativo (Quadro 4). O quadro 4 apresenta a variação anual do IC para o período entre 1993 e 2011. Os valores neste quadro são baseados no indicador de concordância recursivo, ou seja, na média anual da primeira diferença do índice de concordância recursivo (R_{IC}). Os países com crescimento positivo de sincronização com a UE27 têm, de um modo geral, um grau relativamente baixo de sincronização (Quadro A.1).

Os países com um crescimento positivo de sincronização com a região da UE27 são geralmente países em desenvolvimento onde a atividade turística tem sido de interesse crescente nas últimas décadas (em particular nos países da África Subsariana e América Latina). Esses países têm, em alguns casos, uma ligação histórica e relações comerciais importantes com países da UE27, assim como, possivelmente, mercados emissores comuns. Deste modo, o aumento da sincronização pode, eventualmente, também



Quadro 3

ESTATÍSTICAS DO CICLO DA UE27 COM OUTRAS REGIÕES DE REFERÊNCIA

Regiões	ρ_{xy}	(+)/(-)	IC(%)	I_{IC1} (%)	I_{IC2} (%)	I_{IC3} (%)	SD	$\frac{SD_1}{SD_{UE27}}$	AR(1)	AR(2)	AR(3)
UE27	-	-	-	-	-	-	0.49	1	0.7	0.31	0
Caralbas	0.71	0	69.57*	45.45	52.38	50	0.68	1.39	0.76	0.48	0.26
Europa	0.96	0	91.30*	50	57.14	54.55	0.52	1.07	0.7	0.36	0.09
América Latina	-0.23	-3	56.52*	50	52.38	50	0.58	1.18	0.86	0.61	0.36
Médio Oriente	-0.12	3	30.43	36.36	57.14*	54.55	0.42	0.87	0.41	-0.21	-0.32
Norte de África	-0.08	-3	56.52*	50	47.62	45.45	0.65	1.33	0.82	0.53	0.28
América do Norte	0.59	0	78.26*	54.55	42.86	40.91	0.64	1.3	0.79	0.57	0.37
Nordeste Asiático	0.26	3	60.87	31.82	61.9*	59	0.44	0.89	-0.41	0.09	-0.14
Oceânia	0.69	0	52.17*	50	47.62	45.45	0.67	1.36	0.85	0.66	0.46
Sudeste Asiático	0.45	-3	73.91*	50	47.62	45.45	0.44	0.9	-0.21	-0.2	-0.13
África Subsariana	0.39	1	47.83	59.09	61.9*	59.09	0.52	1.06	0.7	0.4	0.22

Fontes: *World Travel and Tourism Council* e cálculo dos autores.

Nota: * Desfasamento de concordância máximo. Ásia do Sul foi omitida por falta de dados.

Quadro 4

CRESCIMENTO ANUAL DE SINCRONIZAÇÃO COM O CÍCLO DA UE27 (1993-2011)

País	Posição	T.C.S.	País	Posição	T.C.S.
Alemanha	1	4.09%	Itália	31	-1.75%
Marrocos	2	3.51%	Caraíbas	32	-1.75%
Hong Kong	3	3.51%	Israel	33	-1.75%
Tailândia	4	3.51%	México	34	-1.75%
Bahamas	5	3.22%	Singapura	35	-1.75%
Quênia	6	3.22%	Cuba	36	-2.05%
República Dom.	7	2.92%	Emiratos Arab. Unidos	37	-2.05%
Suíça	8	2.92%	Maldivas	38	-2.05%
Argentina	9	2.92%	China	39	-2.34%
Panamá	10	2.92%	França	40	-2.34%
Portugal	11	2.63%	Jamaica	41	-2.34%
Turquia	12	2.63%	Porto Rico	42	-2.34%
Brasil	13	2.34%	Rússia	43	-2.34%
Japão	14	2.34%	Perú	44	-2.34%
Coreia do Sul	15	2.34%	Egipto	45	-2.34%
Ilhas Salomão	16	2.34%	Canadá	46	-2.34%
Vanuatu	17	2.34%	Austrália	47	-2.34%
África do Sul	18	2.34%	Síria	48	-2.63%
Macau	19	2.05%	Índia	49	-2.63%
Paquistão	20	2.05%	Nova Zelândia	50	-2.63%
Croácia	21	1.46%	Nepal	51	-2.63%
Arábia Saudita	22	1.46%	Indonésia	52	-2.63%
Líbano	23	1.17%	Tanzânia	53	-2.63%
Etiópia	24	1.17%	Vietname	54	-2.92%
Espanha	25	-1.17%	Sri Lanka	55	-2.92%
Tunísia	26	-1.17%	Algéria	56	-2.92%
Estados Unidos	27	-1.17%	Líbia	57	-3.51%
Maurícia	28	-1.46%	Colômbia	58	-3.51%
RU	29	-1.46%	Fiji	59	-3.51%
Malásia	30	-1.46%			

Fontes: *World Travel and Tourism Council* e cálculo dos autores.

Nota: T.C.S. significa Taxa de Crescimento de Sintonia.

ser explicado pela presença de um ciclo económico subjacente semelhante. Por outro lado, os países com taxas de crescimento negativas em termos de IC estão localizados, de um modo geral, em regiões do mundo onde a sincronização com a UE27 é relativamente elevada (Quadro A.1). Neste contexto, a margem de crescimento, em termos de sincronização, é relativamente baixa. Estes países encontram-se na América do Norte (e Central), Norte de África, Médio Oriente e Ásia. A diminuição da sincronização com a UE27 pode estar associada a uma diminuição da dependência dos mercados europeus de origem, em favor de novos mercados de origem.

O coeficiente de correlação e o indicador concordância do ciclo económico permitem-nos observar os efeitos da persistência e co-movimento dos ciclos de exportações de turismo (Quadro A.1). Em vários casos, observamos que os desfasamentos indicam que o ciclo das exportações de turismo da UE27 antecipa em 1 a 2 períodos o ciclo das exportações turísticas de outras regiões ou países. Os resultados também indicam que o número de desfasamentos identificados não é indiferente ao indicador utilizado (coeficiente de correlação ou índice de concordância).

De facto, o coeficiente de correlação compara as diferenças nas variações dos componentes cíclicos de exportações de turismo, enquanto o indicador de concordância desfasada é um indicador das fases do ciclo. Este indicador dá a percentagem de tempo em que os ciclos de exportação de duas regiões ou países estão na mesma fase. Isto é, a percentagem de tempo em que ambos os ciclos se encontram em expansão e em recessão. Este indicador é sensível ao efeito de persistência do ciclo, isto é, a alterações nas fases do ciclo que não ocorrem, em regra, a curto prazo, mas num período de tempo mais prolongado.

Os resultados do IC entre a UE27 e cada uma das restantes dez regiões consideradas, permite concluir pela existência de um atraso de dois períodos em 30% dos casos. Em particular, o Médio Oriente, o Nordeste Asiático e a África Subsariana. Ao nível desagregado (país) o IC máximo também ocorre a um desfasamento de dois períodos em 47,5% dos países considerados. Os resultados do IC por país estão entre 91,3% (Europa, exceto UE27) e 51,17% (Médio Oriente).

Esses desfasamentos podem sugerir que há relações causais entre a componente cíclica das exportações de turismo em vários países e as regiões consideradas.

3.3 Causalidade de Granger entre componentes cíclicas

No sentido de investigar a interação entre ciclos em maior detalhe foi ainda realizada uma análise baseada na utilização de testes à causalidade de Granger. Ou seja, são aplicados testes que permitem concluir se uma variável desfasada correspondente ao ciclo das exportações turísticas de uma região ou país apresenta informação significativa para explicar o ciclo das exportações turísticas da UE27 e vice-versa.

Os resultados do quadro 5 indicam que, em termos agregados (regiões), o ciclo de exportação turística na UE27 tem influência sobre os ciclos de três das 10 regiões consideradas (América do Norte, Oceânia e Sudeste Asiático). No entanto, há evidência de causalidade em ambos os sentidos na relação entre a UE27 e a América do Norte (e Central). Nestes casos, a causalidade à Granger mostra que as exportações de turismo da UE27 podem contribuir para explicar o comportamento dos componentes do ciclo de exportações de turismo de outras regiões.

A um nível desagregado, ou seja, na relação entre os ciclos da UE27 e dos 59 países considerados, há evidência de causalidade em 24% dos casos (Itália, Portugal, Reino Unido, República Dominicana, Croácia, Líbia, Emirados Árabes Unidos, EUA, Japão, Macau, Índia, Singapura, Tailândia e Quênia). Verifica-se também causalidade à Granger de alguns países em relação ao ciclo da UE27, nomeadamente dos EUA, Portugal, Espanha, Bahamas, Cuba, Rússia, Emirados Árabes Unidos, Marrocos, Hong Kong, Macau, Austrália, Maldivas e Tailândia.

4. Conclusão

Em tempos de crise, observa-se que nos debates públicos e políticos se torna proeminente o interesse pelo turismo, diminuindo drasticamente durante os anos de crescimento económico (Jóhannesson, 2010). Esses debates parecem sugerir uma clara necessidade de uma melhor compreensão da maneira como os vários países (ou regiões), interagem uns com os outros e como afetam a indústria do turismo (Cohen e Neal, 2010).

Os resultados obtidos neste estudo permitem concluir que o ciclo das exportações de turismo da UE27 antecipa em 1 a 2 períodos o ciclo das exportações turísticas de outras regiões ou países. Esta evidência de desfasamentos temporais entre os ciclos de desvio da UE27 e de boa parte dos ciclos das restantes regiões e países considerados, permite utilizar a comparação de ciclos das exportações de turismo como instrumento de apoio à decisão dos agentes económicos associados a esta atividade. A relação entre os ciclos da UE27 e de outras regiões e países foi corroborada pela aplicação de testes à causalidade de Granger.

Quadro 5

TESTES DE CAUSALIDADE À GRANGER (RELAÇÕES SIGNIFICATIVAS A 10%)

Hipótese Nula:	p-vaue
América do Norte não Causa à Granger a UE27	0.0252
UE27 não Causa à Granger a América do Norte	0.0319
Oceânia não Causa à Granger a UE27	0.0958
UE27 não Causa à Granger o Sudeste Asiático	0.0935
UE27 não Causa à Granger a Itália	0.0141
UE27 não Causa à Granger Portugal	0.0844
Portugal não Causa à Granger a UE27	0.0977
Espanha não Causa à Granger a UE27	0.0808
UE27 não Causa à Granger o RU	0.0067
Bahamas não Causa à Granger a UE27	0.0921
Cuba não Causa à Granger a UE27	0.0549
UE27 não Causa à Granger a República Dom.	0.0153
UE27 não Causa à Granger a Croácia	0.0978
Rússia não Causa à Granger a UE27	0.0528
Emirados Árab. Unid. não Causa à Granger a UE27	0.0419
UE27 não Causa à Granger os Emirados Árab. Unid.	0.0837
UE27 não Causa à Granger a Líbia	0.0107
Marrocos não Causa à Granger a UE27	0.0808
UE27 não Causa à Granger os EUA	0.0149
Hong Kong não Causa à Granger a UE27	0.0895
UE27 não Causa à Granger o Japão	0.0293
UE27 não Causa à Granger Macau	0.0935
Austrália não Causa à Granger a UE27	0.0288
UE27 não Causa à Granger a Índia	0.0740
Malásia não Causa à Granger a UE27	0.0736
UE27 não Causa à Granger Singapura	0.0077
Tailândia não Causa à Granger a UE27	0.0867
UE27 não Causa à Granger a Tailândia	0.0412
UE27 não Causa à Granger o Quênia	0.0261

Fonte: Cálculo dos autores.

Os resultados obtidos a partir do indicador de concordância recursivo revelam também uma evolução no comportamento da sincronização entre ciclos. Esta dinâmica é caracterizada por um crescimento positivo de sincronização de países em desenvolvimento onde a atividade turística tem sido de interesse crescente nas últimas décadas (em particular nos países da África Subsariana e América Latina), com a UE27. Em sentido inverso, verifica-se que em regiões do mundo onde a sincronização com a UE27 é relativamente elevada (Quadro A.1), e com maior tradição na atividade turística, estas tendem a apresentar margens de crescimento mais baixas. Em termos de sincronização os países com taxas de crescimento negativas em termos do IC, estão localizados, de um modo geral, na América do Norte (e Central), Norte de África, Médio Oriente e Ásia. A diminuição da sincronização com a UE27 pode estar associada a uma diminuição da dependência dos mercados europeus de origem em favor de novos mercados de origem.

Finalmente, a descrição e análise das crises económicas e outros tipos de perturbações sócio económicos que tiveram lugar no período em estudo permitiu concluir pela influência da economia sobre a atividade turística. Este fenómeno encontra-se documentado em quadros e gráficos tradutores da evolução das exportações turística que tendem a apresentar valores de crescimento negativo em várias regiões e países em boa parte dos períodos de crise identificados e analisados na secção 3.1.

A abordagem em maior detalhe da sincronização, desfasamento e causalidade que possam caracterizar a relação entre os ciclos económicos e os ciclos da procura turística à escala mundial correspondem a uma linha de investigação em curso por parte dos autores.

Referências

- Andraz, J. L., Gouveia, P. M. e P. M. M. Rodrigues (2009), "Modelling and Forecasting the UK Tourism Growth Cycle in Algarve", *Tourism Economics*, vol 15, No 2, 323-338.
- Araña, J. E. e J. León C. J. (2008), "Annals of Tourism Research", vol 35, No 2, April 2008, 299-315.
- Barda, C., e Sardianou, E. (2010), Analysing consumers' 'activism' in response to rising prices. *International Journal of Consumer Studies*, 34, 133-139.
- Burns, A.F. e Mitchell, W.C. (1946), "Measuring Business Cycles", *National Bureau of Economic Research*, Cambridge, M.A.
- Clark, P. (1987), "The Cyclical Component of U.S. Economic Activity", *Quarterly Journal of Economics*, vol 102, No 4, November, 797-814.
- Cohen, E. & Neal, M. (2010), "Coinciding crises and tourism in contemporary Thailand", *Current Issues in Tourism*, in press.
- Collins, D. e Tisdell, C. (2004), "Outbound business travel depends on business returns: Australian evidence", *Australian Economics Papers*, 43 (2), 192-207.
- Crato, N. (1990), "Modelização Econométrica em Espaço de Estados: Estimação e Previsão com Filtro de Kalman", *Estudos de Economia*, vol 10, No 3, abril-junho, 315-348.
- Crouch, G.I. (1996), "Demand Elasticity's in international marketing - a metanalytical application to Tourism", *Journal of Business Research*, 36 (2), 117-136.
- Durbin, J. e S. Koopman (2001), "Time Series Analysis by State Space Models", *Oxford University Press*.
- Eugenio-Martín, J. L., N. Martín Morales e R. Scarpa, (2004) "Tourism and Economic Growth in Latin American Countries: A Panel Data Approach", *FEEM Working Paper*, Eurostat, Statistical office of the European Union. <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home>.
- FMI (2010) World Economic Outlook Update, International Monetary Fund, April. <http://www.imf.org>.
- FMI (2011) World Economic Outlook Update, International Monetary Fund, April. <http://www.imf.org>.
- Giannone D., Lenza, M. e Reichlin, L. (2008), *NBER Working Paper No. 14529*.
- Gilchrist, W. (1976), *Statistical Forecasting*, London, Wiley.
- Gouveia, P.M. e Rodrigues, P.M.M. (2005), "Dating and synchronizing tourism growth cycles", *Tourism Economics*, 11 (4), 501-515.
- Granger, C. W. J. (1969). "Investigating Causal Relations by Econometric Models and Cross-spectral Methods", *Econometrica* 37 (3), 424-438.
- Guerreiro, R. F, Rodrigues, P. M. M. e J. L. Andraz (2012), "A comparison of the cyclical evolution of various geographic areas of reference with Portugal", *Economic Bulletin and Financial Stability Report Articles*, vol 17 No 4, Bank of Portugal, Winter 2011, 41-54.
- Guerreiro, R. F. (2010), "Análise e monitorização do ciclo económico português: Uma abordagem centrada no método de Kalman", Tese de Doutoramento não publicada, Faculdade de Economia da Universidade do Algarve.
- Guizzardi, A. e Mazzocchi. M. (2010), "Tourism demand for Italy and the business cycle", *Tourism Management*, 31, 367-377.

- H. Song, S. Lin, S.F. Witt, e Zhang, X. (2011), "Impact of financial/economic crisis on demand for hotel rooms in Hong Kong", *Tourism Management*, 1, 172-186.
- H. Song e Lin, S. (2010), "Impacts of the financial and economic crisis on tourism in Asia", *Journal of Travel Research*, 1, 16-30.
- Hall, C.M. (2010), "Crisis in Tourism Events: Subjects of crisis in tourism", *Current Issues in Tourism*, 13 (5), 401-417.
- Hamilton, J.D. (1989), "A New Approach to the Economic analysis of non-stationary time series and the Business Cycles: Durations, Dynamics and Forecasting", *Princeton University Press*, Princeton, 357-384.
- Harding, D. e Pagan A. (2001), "A comparasion of two business cycle dating methods", *Journal of Economic Dynamics and Control*, Vol 27 No 9, 1681-1690.
- Harvey, A. (1989), "Forecasting, Structural Time Series Models and the Kalman filter", *Cambridge University Press*.
- INE (2011). Tourism Statistics 2011, Statistics Portugal, Instituto Nacional de Estatística de Portugal.
- INE (2010). Tourism Statistics 2010, Statistics Portugal, Instituto Nacional de Estatística de Portugal.
- INE (2009). Tourism Statistics 2009, Statistics Portugal, Instituto Nacional de Estatística de Portugal.
- INE (2008). Tourism Statistics 2008, Statistics Portugal, Instituto Nacional de Estatística de Portugal.
- Jóhannesson, G.T. (2010), "Tourism in times of crisis: Exploring the discourse of tourism development in Iceland", *Current Issues in Tourism*, in press.
- Kalman, R. e R. Bucy (1961), "New Results in Linear Filtering and Prediction Theory", *Transactions of the ASME Journal of Basic Engineering*, Série D, vol. 83, 95-107.
- Kalman, R. (1960), "A New Approach to Linear Filtering and Prediction Problems", *Transactions of the ASME Journal of Basic Engineering*, Série D, vol. 82, 35-45.
- Lemelin, H., Maher, P., Stewart, E.J., Dawson, J., & Lück, M. (2010), "Last chance tourism: The boom, doom, and gloom of visiting vanishing destinations", *Current Issues in Tourism*, in press.
- Li, S., & Blake, A. (2010), "China's tourism in an economic slowdown", *Current Issues in Tourism*, in press.
- Lim C. e McAleer, M. (2002), "A cointegration analysis of annual tourism demand by Malasia for Australia", *Mathematics and Computers in Simulation*, 59 (1-3), 197-205.
- Lim, C. (1997), "Review of International tourism demand models", *Annals of Tourism research*, 24 (4), 835-849.
- Neumayer, E. (2004), "The Impact of Political Violence on Tourism: Dynamic Cross-National Estimation", *Journal of Conflict Resolution*, Vol. 48 (2), 259-281.
- Ogata, K. (2002), "Modern Control Engineering", 4th edition, Prentice-Hall, Inc.
- Papatheodorou, Andreas; Rosselló, Jaume & Xiao, Honggen (2010), "Global Economic Crisis and Tourism: Consequences and Perspectives", *Journal of Travel Research*, February 2010.
- Pizam, A. (2010), "Hotels as tempting targets for terrorism attacks", *International Journal of Hospitality Management*, 29(1), 1.
- Pizam, A. (2009), "The global financial crisis and its impact on the hospitality industry", *International Journal of Hospitality Management*, 28, 301.
- Smeral, E. (2010), "Impacts of the World Recession and Economic Crisis on Tourism: Forecasts and Potential Risks", *Journal of Travel Research*, February , 49, 31-38.

Smeral, E. (2009), "The Impact of the Financial and Economic Crisis on European Tourism vol. 82, issue 3, 195-208.

UNWTO (2013), 2012, "International Tourism Results and Prospects for 2013", *IGLTA Foundation Symposium February 5, 2013*.

Wada, T. e Perron, P. (2006), "An Alternative Trend-Cycle Decomposition using a State Space Model with Mixtures of Normals: Specifications and Applications to Internacional Data", *Department of Economics Boston University*, Setembro.

World Tourism Organization and International Labour Organization (2013), Economic Crisis, International, Tourism Decline and its Impact on the Poor, UNWTO, Madrid.

World Travel and Tourism Council (2013) Travel and Tourism European Union economic impact 2013. http://igltafoundation.org/wpcontent/uploads/2013/02/UNWTO_NY_IGLTA_2013_fin.pdf e <http://www.unwto.org>

WTTC (2012). Travel & TourismTrends and Economic Impact, World Travel & Tourism Council, Update November. http://www.wttc.org/site_media/uploads/downloads/MonthlyUpdate_Nov_2012.pdf

WTTC (2011). Economic Impact of Travel & Tourism Update, World Travel & Tourism Council, Update November. http://www.wttc.org/site_media/uploads/downloads/4pp_document_for_WTM_RGB.pdf

Anexo I – Metodologia de decomposição das séries temporais

Considere-se o seguinte modelo estrutural aditivo,

$$y_t = \Gamma_t + C_t + \varepsilon_t \tag{A.1}$$

onde a variável escalar dependente, $\{y_t\}$, representa os valores observados da série temporal de interesse, Γ_t representa a função tendência, C_t a componente cíclica, e ε_t a componente de ruído. Deste modo, o modelo representado na equação (A.1) faz a decomposição dos valores observados da série temporal $\{y_t\}$, nas componentes não estacionária (tendência) Γ_t e estacionária (ciclo de desvio) C_t , dispostas como variáveis não observadas.

Segundo Clark (1987), Wada e Perron (2006) e Guerreiro, Rodrigues e Andraz (2012) o modelo de equações mais utilizado, entre as classes de modelos encontrados em estudos que envolvem o ciclo de desvio, utilizando o filtro de Kalman, é o seguinte:

$$\begin{cases} y_t = \Gamma_t + C_t + \varepsilon_t \\ \Gamma_t = \Gamma_{t-1} + \beta_{t-1} + \delta_t \\ \beta_t = \beta_{t-1} + \theta_t \\ C_t = \phi_1 C_{t-1} + \phi_2 C_{t-2} + \omega_t \end{cases} \tag{A.2}$$

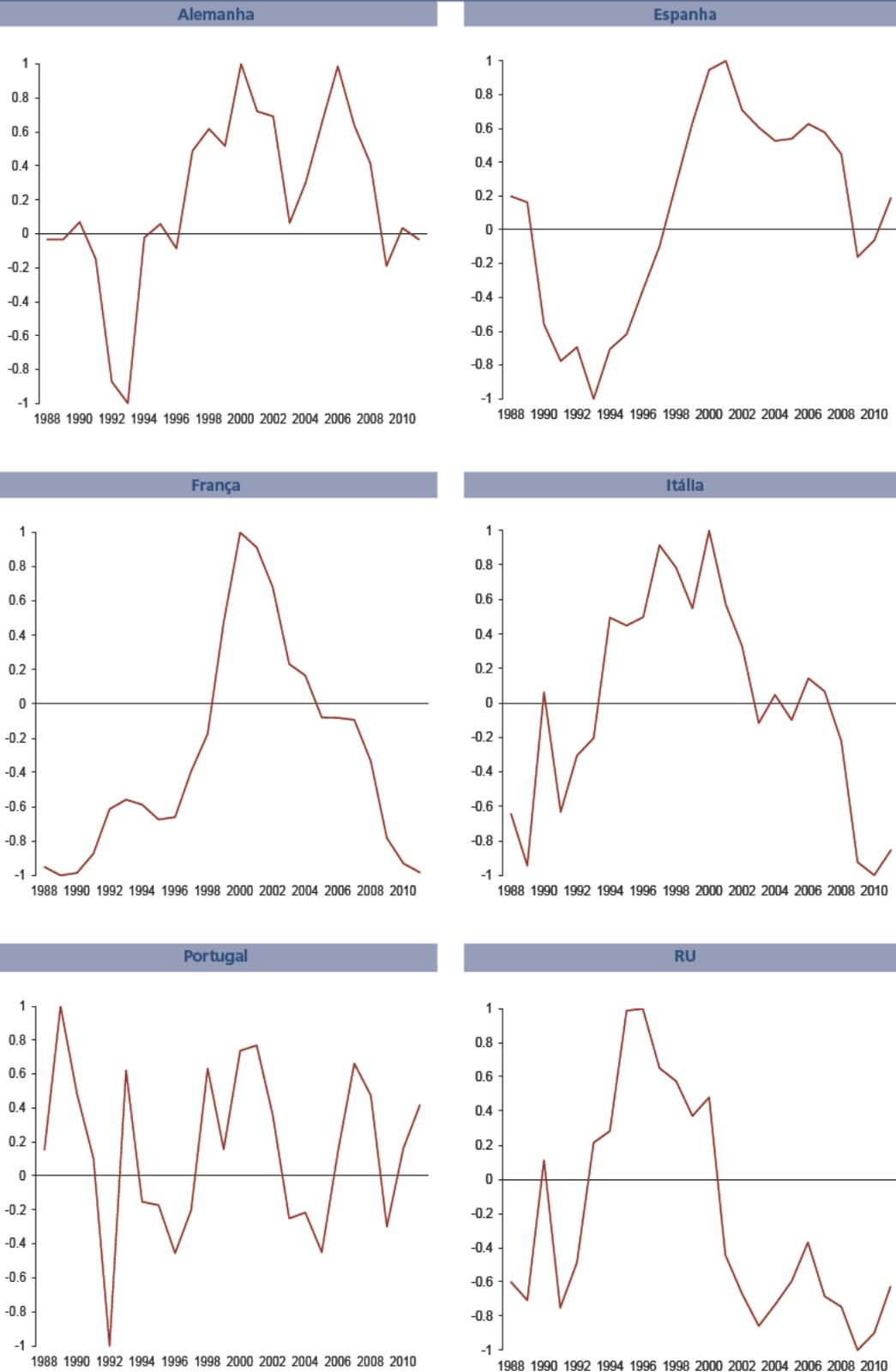
A tendência, β_t , representada no modelo (A.2) utiliza a formulação conhecida de Theil e Wega (Crato, 1990), em que a variável segue um crescimento esperado linear; tanto a tendência (β_t) como o nível (Γ_t) evoluem segundo um passeio aleatório (Gilchrist, 1976), e a componente cíclica, (C_t) segue um processo autoregressivo de segunda ordem (Wada e Perron, 2006 e Guerreiro, Rodrigues e Andraz, 2012).

O modelo (A.2) é posteriormente representado na formulação em espaço de estados, para que seja possível a subsequente aplicação do filtro de Kalman proporcionando desta forma a obtenção dos sinais (valores) das variáveis não observadas, Γ_t e C_t , a partir do sinal fornecido pela série temporal observada $\{y_t\}$ (Harvey, 1989 e Ogata, 2002). A técnica de inicialização do filtro de Kalman utilizada neste estudo foi a da inicialização difusa (Durbin e Koopman, 2001 e Guerreiro, 2010). Assim sendo, a variável principal para o estudo do ciclo, depois de extraída pelo método sugerido por Kalman (1960) e Kalman e Bucy (1961), será a variável estacionária (ciclo de desvio) C_t .

Anexo II

Gráfico A.1

CICLOS DE EXPORTAÇÃO DE TURISMO DE 6 PAÍSES DA UE27



Fonte: Cálculo dos autores.

Quadro A.2 (continua)

SINCRONIZAÇÃO DO CICLO DA UEZ7 COM O CICLO DE VÁRIOS PAÍSES E OUTRAS ESTATÍSTICAS

Região	País	$\rho_{t-1,t}$	(+)/(=)	IC(%)	$I_{TC,t}$ (%)	$I_{TC,t}$ (%)	$I_{TC,t}$ (%)	SD	$\frac{SD_t}{SD_{UEZ7}}$	AR(1)	AR(2)	AR(3)
Países da UEZ7	França	0.77	0	56.52	59.09	57.14	54.55	0.62	1.27	0.86	0.62	0.36
	Alemanha	0.77	0	73.91*	45.45	42.86	40.91	0.5	1.02	0.69	0.38	0.21
	Itália	0.82	0	69.57*	45.45	52.38	50	0.6	1.22	0.71	0.51	0.31
	Portugal	0.35	-3	56.52	63.64*	47.62	45.45	0.48	0.98	0.15	-0.11	-0.29
	Espanha	0.63	1	82.61*	68.18	61.9	59.09	0.59	1.2	0.88	0.7	0.5
	Reino Unido	0.46	-2	78.26*	45.35	33.33	31.82	0.64	1.31	0.77	0.59	0.4
Outros Países Europeus	Croácia	0.16	3	39.13	54.55*	47.62	45.45	0.47	0.96	0.78	0.56	0.39
	Rússia	0.5	-3	56.52	59.09	71.43*	68.18	0.55	1.14	0.76	0.5	0.19
	Suíça	0.12	-2	52.17	68.18*	61.9	59.09	0.52	1.07	0.47	0.07	0.03
	Turquia	0.08	-1	43.48	50	61.90*	59.09	0.49	1	-0.28	-0.23	0.02
	Noruega	0.57	-1	60.87*	54.55	47.62	45.45	0.62	1.28	0.79	0.48	0.18
	Canadá	0.8	0	65.22*	50	42.86	40.91	0.57	1.16	0.54	0.31	0.1
America (Central) do Norte	México	0.13	-1	60.87*	45.45	52.38	50	0.54	1.1	0.72	0.34	0.1
	EUA	0.5	3	78.26*	54.55	42.86	40.91	0.61	1.24	0.72	0.5	0.3
	Austrália	0.72	0	60.87*	45.45	42.86	40.91	0.72	1.47	0.85	0.65	0.44
Oceania	Fiji	-0.15	3	43.48	40.91	47.62*	45.45	0.59	1.2	0.9	0.7	0.47
	Nova Zelândia	0.63	0	52.17	54.55	57.14*	54.55	0.68	1.39	0.76	0.43	0.16
	Ilhas Salomão	-0.37	3	39.13	54.55	57.14*	54.55	0.61	1.24	0.78	0.58	0.34
	Vanuatu	-0.11	3	43.48	40.91	47.62*	45.45	0.62	1.27	0.92	0.77	0.6
	Argentina	-0.48	-2	56.52*	45.45	47.62	45.45	0.59	1.2	0.83	0.59	0.37
	Brasil	-0.22	-3	43.48	40.91	57.14*	54.55	0.52	1.06	0.83	0.49	0.1
America Latina	Colômbia	0.1	1	39.13	59.09*	52.38	50	0.45	0.92	0.21	-0.46	-0.21
	Panamá	-0.3	-2	47.83	63.64*	38.1	36.36	0.56	1.14	0.8	0.55	0.34
	Peru	0.43	-1	56.52*	50	38.1	36.3	0.43	0.88	0.61	0.21	-0.02
	Bahamas	0.24	-3	65.22*	54.55	38.1	36.36	0.52	1.06	0.54	0.01	-0.08
	Cuba	0.49	-1	60.87*	54.55	33.33	31.82	0.69	1.42	0.68	0.24	0
Caralbas	Rep. Dom.	0.3	3	52.17	40.91	61.90*	59.09	0.46	0.95	0.52	0.03	0.01
	Jamaica	-0.13	3	52.17	36.36	61.9*	59.09	0.53	1.08	0.56	0.14	-0.09
	Porto Rico	0.66	0	60.87	63.64*	33.33%	32.82	0.55	1.13	0.64	0.16	-0.06

Fontes: World Travel and Tourism Council e cálculo dos autores.

Nota: * indica desfasamento de concordância máximo.

Quadro A.2 (continuação)

SINCRONIZAÇÃO DO CICLO DA UE27 COM O CICLO DE VÁRIOS PAÍSES E OUTRAS ESTATÍSTICAS

Região	País	ρ_{xy}	(+)/(−)	IC(%)	L_{IC1} (%)	L_{IC2} (%)	L_{IC3} (%)	SD	$\frac{SD}{SD_{UE27}}$	AR(1)	AR(2)	AR(3)
Ásia do Norte	China	0.64	0	56.52*	36.36	52.38	50	0.62	1.27	0.78	0.45	0.12
	Hong Kong	-0.57	0	60.87	68.18*	52.38	50	0.55	1.12	0.72	0.45	0.29
	Japão	-0.19	3	47.83*	36.36	42.86	40.19	0.56	1.14	0.84	0.66	0.44
	Macau	-0.76	0	39.13	52.38*	52.38*	50	0.6	1.22	0.87	0.67	0.48
	Coreia do Sul	0.21	1	39.13	54.55*	38.1	36.36	0.48	0.98	0.59	0.24	0.01
Ásia do Sul	Índia	-0.24	2	56.52	50	33.33	31.82	0.43	0.88	0.6	0.15	-0.01
	Maldivas	0.13	1	65.22	22.73	54.14	54.55	0.41	0.84	-0.24	-0.24	-0.08
	Nepal	0.07	-3	43.48	45.45	42.86	40.91	0.6	1.22	0.6	0.24	0.17
	Paquistão	-0.62	-1	34.78	40.91	47.62	45.45	0.53	1.08	0.86	0.58	0.3
	Sri Lanka	-0.08	1	56.52	31.82	38.1	36.36	0.53	1.08	0.51	0.17	-0.15
Sudeste Asiático	Indonésia	0.31	-3	56.52	59.09*	52.38	50	0.53	1.08	0.86	0.62	0.42
	Malásia	0.5	1	69.57*	54.55	61.9	59.09	0.62	1.27	0.39	-0.05	-0.22
	Singapura	-0.04	2	73.91*	50	28.57	27.27	0.5	1.02	0.66	0.36	0.19
	Tailândia	0.49	-3	65.22*	45.45	52.3	50	0.58	1.18	-0.23	-0.12	-0.16
	Vietname	0.67	0	47.83*	40.91	38.1	36.36	0.6	1.22	0.78	0.47	0.18
África do Norte	Argélia	0.33	3	47.83	50	52.38*	50	0.6	1.22	0.8	0.57	0.36
	Egipto	-0.2	-1	60.87*	27.27	42.86	40.91	0.51	1.04	0.32	-0.13	-0.18
	Líbia	0.1	3	34.78	45.45	60.67	63.64*	0.62	1.27	0.88	0.72	0.54
	Marrrocos	-0.09	-3	65.22*	54.55	57.14	54.55	0.55	1.12	0.83	0.66	0.5
	Tunísia	0.39	-3	69.57	72.73	76.19*	72.73	0.5	1.02	0.79	0.61	0.42
África Subsariana	Etiópia	-0.25	1	26.09	31.82	42.86*	40.91	0.49	1	0.31	-0.13	-0.15
	Quênia	-0.13	2	65.22*	54.55	42.86	40.91	0.6	1.22	0.69	0.43	0.26
	Maurícias	0.66	0	78.26*	45.45	52.38	50	0.5	1.02	0.57	0.23	0.01
	África do Sul	0.25	2	43.48	50	61.90*	59.09	0.48	0.98	0.65	0.43	0.16
	Tanzânia	0.34	0	52.17*	45.45	42.86	49.91	0.46	0.94	0.66	0.32	0.1
Médio Oriente	Israel	0.46	-1	65.22*	50	42.86	40.91	0.51	1.04	0.62	0.19	-0.06
	Líbano	-0.61	0	26.09	40.91	47.62*	45.45	0.51	1.04	0.67	0.27	-0.08
	Arábia Saudita	-0.23	3	30.43	54.55	47.62*	45.45	0.66	1.35	0.73	0.5	0.31
	Síria	0.25	-2	52.17	56.36	38.1	36.36	0.53	1.08	0.69	0.41	0.19
	Emiratos A.U.	-0.02	-3	52.17	54.55	61.90*	59.09	0.56	1.14	0.82	0.53	0.27

Fontes: *World Travel and Tourism Council* e cálculo dos autores.

Nota: * indica desfasamento de concordância máximo.